

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Hélis Cristina Alves de Lima ¹

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a contação de história na educação infantil, que se constitui de narrativas orais de histórias para as crianças, foi tratada puramente como um momento de entretenimento durante as aulas, não se compondo de uma estratégia voltada para o desenvolvimento da oralidade, leitura ou escrita dos alunos.

Na educação infantil, um dos pontos fundamentais, é que o professor compreenda, sobretudo, que na faixa etária em que estão as crianças inseridas nesta modalidade de ensino, é importante procurar conhecer as fases de desenvolvimento da criança e inserir métodos de ensino que se adeque à idade, sem acelerações ou retrocessos, e respeitando as crianças em suas limitações e dificuldades.

Neste estudo, parte-se da discussão sobre a contação de história sob a perspectiva de contribuir para o processo ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil no que diz respeito ao desenvolvimento da oralidade.

O interesse pelo tema surgiu durante a realização do estágio supervisionado em uma escola da rede pública municipal, em que foi possível verificar durante momentos de contação de história, a ausência de participação de algumas crianças, observando ainda que as crianças que participavam mais ativamente deste momento tinham uma capacidade melhor de raciocínio, desenvolvimento de relacionamentos interpessoais, melhor escrita e interpretação da história. Assim surgiu o interesse em investigar sobre este recurso no sentido de buscar meios para compreender se é uma estratégia responsável pelo desenvolvimento apresentado por estas crianças.

Formato: o arquivo deverá ser anexado no formato PDF, com tamanho máximo de 2MB. O uso do papel timbrado da edição atual do evento é obrigatório. O modelo é disponibilizado no site do evento para download.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

¹ Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, autorprincipal@email.com;

A presente pesquisa pode ser considerada qualitativa, descritiva e exploratória, dentro de um padrão bibliográfico, buscando um levantamento com bases teóricas já analisadas e publicadas, onde possam subsidiar todo o texto.

A pesquisa bibliográfica busca-se com o intuito de apresentar informações fundamentadas, em livros, artigos e inúmeros trabalhos acadêmicos (GIL, 2010). Toda pesquisa desenvolvida tem seus objetivos propostos de maneira diferenciada para cada projeto, porém dentro dos objetivos elas podem se dividir em exploratórias, descritivas explicativa (GIL, 2010).

A pesquisa iniciou-se de forma exploratória para a decisão do tema que seria abordado, passando por inúmeros temas e subtemas, artigos e monografias que ajudaram a decidir de forma bastante abrangente o presente tema (GIL, 2010). Também segundo Gil (2010) nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles.

Entende-se que, neste contexto, o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o problema objeto de investigação (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Dentro de uma pesquisa qualitativa preocupa-se com o nível de realidade que pode ser qualificado dentro do universo em que ela trabalha os significados, desde a motivação, aspirações, crenças, valores e as atitudes (MINAYO, 2014).

REFERENCIAL TEÓRICO

A contação de história na Antiguidade era vista com um olhar de indiferença e inferior ao aprendizado através da escrita. No entanto os povos se reuniam perto das fogueiras e começavam a contar suas lendas e contos, fazendo com que a cultura fosse repassada de geração a geração, lembrando que essa cultura é trabalhada pelos povos mais simples, fazendo com que durante muito tempo a prática da contação fosse rejeitada pela sociedade.

Coelho (2001, p. 31) relata que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”. Quando se ler é possível apresentar e descobrir outros lugares dentro de uma ótica diferenciada da que se possui.

Todo conhecimento era repassado através da fala, antes do surgimento da escrita, e assim iniciaram-se os contos e lendas. Estes contadores tinha a missão de relatar todo e qualquer

acontecimento e perdurar tradições, além de trazer e repassar os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo (BUSSATO, 2006).

Mesmo com todo avanço tecnológico ainda existem culturas que procuram guardar e armazenar suas histórias e ir perpassando de geração em geração, fazendo uso da memória tendo como instrumento principal a oralidade (VIEIRA, 2005).

Pode-se perceber que nos dias atuais, os contadores de histórias são peças de uma era remota, ou seja, todos podem relatar as histórias, conselhos, lendas, poemas e poesias sem que percebam que este momento torna-se um contar de histórias (BUSATTO, 2006)

[...] eles chegaram de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestido de vermelho, azul e amarelo, fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores, alguns portam malas, bonecas, fantoches, mímicas, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando contando, deixando leituras aos seus ouvintes. (BUSATTO, 2006, p. 26)

Percebe-se que durante contação das histórias a verbalização curtas ou longas, cantaroladas ou em ritmo de trava-línguas e, até mesmo os acontecimentos antigos da comunidade são pontos chaves para o desenvolvimento das contações de histórias, contribuindo para que de maneira bastante significativa estes momentos possam ser referências para as futuras gerações (VIEIRA, 2005).

No século XVII, através de Fenélon (1651 – 1715), as histórias apresentavam uma estrutura onde seu texto demarcava claramente o bem que deveria ser aprendido e o que deveria ser desprezado. Ao longo desse período todos os contos de fadas, fábulas e textos contemporâneos possuíam este formato.

Em 1697, a literatura infantil passou a se constituir através de transformações e inúmeras repercussões artísticas. Charles Perrault (1628–1703) apresenta a sociedade Histórias ou contos do tempo passado, com sua moralidades. (SILVA, 2009).

Os contos de fadas que são conhecidos na atualidade, surgiram na França, no final do Século XVII, com Charles Perrault. Este buscou editar as narrativas folclóricas que eram contadas pelos camponeses, retirou as passagens obscenas, de conteúdo incestuoso e canibalismo. Muitos dos contos tomaram um propósito pedagógico e ganharam um formato escrito como: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar (SILVA, 2009).

Posteriormente Perrault, trouxe a história da “Chapeuzinho Vermelho” de forma particular, pois a mitologia grega tinha seu modo de transmitir o contexto histórico, e assim, o

referido autor buscou a apresentar de forma mais adequada aos ambientes sociais da época. No entanto, a história de Chapeuzinho Vermelho sofreu ao longo do tempo algumas alterações.

Em meados de 1690, com Contos de Mamã Gansa, ocorreu a transformação dos contos de fadas, pois Perrault reuniu em uma única coletânea fabulas folclóricas da literatura francesa. Sendo que nesse formato as histórias ganharam popularidade e permaneceram em alta tempos depois da Revolução Francesa, período que sofreu uma quebra no interesse do público.

Os irmãos Grimm: Jacob (1785 – 1863) e Wilhelm (1786-1859) suavizaram o contexto das histórias orais que eram relatadas na Europa, passando a inserir príncipes, donzelas, bruxas, animais falantes e madrastas malvadas. Entretanto, de forma contrária a Perrault, os Irmãos Grimm não modificaram os relatos orais da cultura popular, passando a preservar as lendas e fábulas originais (CALDIN, 2010).

Entre os contos mais conhecidos dos Irmãos Grimm que são trabalhados e utilizados nas escolas dentro da tradução portuguesa, estão: A bela Adormecida, Os músicos de Bremen, Os sete anões e a branca de neve, O chapeuzinho vermelho, A gata borralheira (CALDIN, 2010).

Destaca-se também dentro de um universo de contos de fadas, autores como Andersen (1805 – 1875), cuja temática buscava em seus textos apresentar a incompreensão de personagens e seus sofrimentos como: O Patinho Feio e O Soldadinho de Chumbo (CALDIN, 2010).

Dentre estes personagens, também ao longo da criação das histórias infantis, existe os personagens racionais dentro de um mundo sem razão, apresentando por diversos autores como é o caso de: Pinóquio (1883), O Magico de Oz (1900), A roupa Nova do Imperador (1837), Alice no País das Maravilhas (1864). O Conto de Natal (1843), Contos da Carochinha (1894) entre outros (CALDIN, 2010).

Estes contos, escritos em épocas e locais diferentes, de acordo com Caldin (2010, p.80) “exprimem as tensões sociais na família e na sociedade”, e de forma bastante ampla, pode-se perceber que os contos nasceram de uma oralidade transmitida entre as gerações, e logo depois foram coletadas e registradas de forma a serem legitimadas dentro da forma escrita com a ascensão da burguesia e assim passando a fazer parte do imaginário dos leitores através das gerações (CALDIN, 2010).

A contação de história vem cada dia mais se apresentando como um estratégia pedagógica para que o professor possa trabalhar a literatura, deixando esse momento bastante lúdico e prazeroso (SISTO, 2005).

No entanto, necessita que o professor busque dentro de seu planejamento, trazer de forma dinâmica, com experiências diversas, que possam encantar o imaginário infantil (SOUSA, 2011). No entanto, é preciso ter em mente que “a postura do narrador ou contador de histórias esteja o mais concentrada possível na própria matéria narrativa, para que faça chover na imaginação do ouvinte as imagens que as palavras contêm” (BEDRAN, 2012, p.91).

Entretanto, torna-se primordial que o professor, ao trabalhar a contação de história, possua o gosto pela literatura, e mostre ao seu alunos o quanto é prazeroso o momento da leitura. No entanto, o recontar a história, deve ser mostrado esse elo de ligação, através do corpo, voz e expressões faciais (SOUSA, 2011).

Muitos professores se utilizam de bonecos para a trair a atenção das crianças, proporcionando o prazer de faze-los ter uma voz e vida. Muitos estimulam a imaginação e a linguagem das crianças, facilitando assim a concretização das expressões e sentimentos (HAETINGER, 2008).

Torna-se necessário que o professor entenda que a contação de história não deve ser abordada apenas a história em sim, mas que possa ser explorado dentro de todo um contexto: ilustrações, narrativas e biografia do(s) autor(es) de forma criativa e competente (MACIEL, 2010).

A escola tem uma porta que abre muitos mundos e deles podem ser feitas várias leituras, criando e recriando os textos. Estes momentos marcam a história de cada aluno e assim deixam as boas lembranças de um aprendizado lúdico e prazeroso (MACIEL, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias: Contadas e recontadas, trabalham o desenvolvimento criativo, a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, melhoram dos relacionamentos afetivos e interpessoais, passando a abrir espaço para uma aprendizagem mais significativa.

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conceitos e conhecimentos, a contação de histórias deve está em constante atenção, pois é através dela que se contribui para o processo de ensino e aprendizagem, buscando de forma planejada e consciente, proporcionar um maior desenvolvimento perceptivo para as crianças.

Pode-se perceber que o planejamento e a implantação da contação de história nas escolas visa favorecer de maneira bastante significativa a criticidade do alunos, instigando a viajar através da contação pelos diversos mundos e conceitos, podendo assim, despertar o interesse e a sua curiosidade dentro de um processo de aprendizagem cada vez mais significativo.

A contação de histórias nas escolas busca favorecer a maneira de uma prática docente, onde as crianças passem a ser instigadas a viajar, recriar e trabalhar a imaginação, dentro de um planejamento sutil e elaborado para que as habilidades possam ser assimiladas e a compreensão passe a ser vista de forma agregada ao conhecimento.

Palavras-chave: Contação de História. Estratégias. Desenvolvimento. Educação Infantil

REFERÊNCIAS

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias:** narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo **A arte de contar histórias no século XXI.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e literatura infanto-juvenil.** Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACIEL, Rildo Cosson. O espaço da literatura na sala de aula. In: APARECIDA PAIVA, Francisca; MACIEL, Rildo Cosson. (Coord.). **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino; v. 20). Disponível em:< http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf> Acesso em: 06/10/2021.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da Literatura Infantil: da Origem Histórica do Conceito Mercadológico do Caráter Pedagógico da Atualidade.** REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM. v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/234-1-759-1-10-20100625.pdf>. Acesso em 06/10/2021.